



OBSERVAÇÃO DA PERCEPÇÃO CIVIL SOBRE O REGIME MILITAR BRASILEIRO E SEUS REFLEXOS NO ANO DE 1970

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3717

Dayane Giselle Guimarães Carpi, UNOPAR
Kassia Hellen Machado Passos, UNOPAR

Resumo

As ditaduras estão presentes em vários países ao redor do mundo. Independente do regime político anterior do país, sua condição econômica e costumes, a ditadura coage e tortura seus opositores na tentativa de forçá-los a recuar, para que seu regime duro e violento possa se perpetuar. O presente artigo pretende observar, desde a perspectiva pueril, as impressões da Ditadura Militar e seus reflexos no cotidiano da população brasileira no ano de 1970, analisar fatores sociais, econômicos e políticos do mesmo ano e importância para a continuidade do regime pelos anos seguintes. É importante ressaltar que prisões injustas e punições exacerbadas ocorreram simultaneamente a um trabalho de propaganda e manobra popular para desviar o foco da violência real, como por exemplo, a Copa de 70 sediada no México. A coerção policial e a tortura nos interrogatórios policiais saíram do controle tornando-se algo corriqueiro para a obtenção de seu principal objetivo: arrancar uma confissão de culpa a qualquer custo. O trabalho utiliza o filme “O ano em que meus pais saíram de férias” de Cao Hamburger para questionar e analisar a percepção que a população teve do Regime Militar, pois mostra diversas perspectivas de diferentes personagens, dúvidas e anseios de um menino que sonhava ser jogador de futebol e não entendia por que os pais haviam saído de férias repentinamente e por que demoravam tanto a voltar, já que a Copa Mundial estava para começar e seu pai havia prometido assistirem aos jogos juntos.

Palavras Chave:

cinema; ditadura; regime militar.

Introdução

As ditaduras estiveram e estão presentes em vários países ao redor do mundo. Independente do regime político anterior do país, da sua localização, sua condição econômica e seus costumes, a ditadura coage, ameaça e tortura seus opositores na tentativa de dissuadi-los ou forçá-los a sair de seu caminho, para que seu regime duro e violento possa se perpetuar.

O Brasil, com sua breve história republicana, quase cento e vinte e oito anos, já passou por um período ditatorial extenso, foram vinte e um anos desde o golpe militar até o final desse regime cruel que aboliu direitos fundamentais da população brasileira e aterrorizou com seus métodos violentos de repressão praticados nos porões dos quartéis e regimentos, destacamentos, delegacias.

O período obscuro o qual o Brasil foi submetido ficou conhecido como “Regime Militar” e teve início com um golpe militar em 1964 e perdurou até o ano de 1985. Durante essa fase da história brasileira, o regime político democrático foi extinto. Em pouco tempo, vários direitos fundamentais, políticos e constitucionais foram abolidos, arrancados à força, literalmente, por militares que haviam tomado para si o poder de decidir sobre a vida da população brasileira.

Depois de alguns generais eleitos, indiretamente, como presidentes e da instituição do Ato nº 5, o país chega ao ano de 1970 com a expectativa da Copa de 70, ao mesmo tempo em que vivenciava o “milagre econômico” de um lado e os “anos de chumbo” de outro.

Censura era a palavra de ordem, todo aquele se opunha ao regime, questionava ou criticava sofria perseguição, prisões com torturas intermináveis e inimagináveis, muitas pessoas desapareceram e até hoje, seus familiares não sabem onde encontrar seus

corpos para um enterro digno.

Vários foram os confrontos entre a população descontente e inconformada com a ditadura a que foram subjugados e os militares que afirmavam lutar em nome do bem e segurança da nação, contra uma ameaça comunista.

Contudo, é de extrema importância ressaltar que, ao mesmo tempo em que ocorreram prisões injustas, embates sangrentos, punições exacerbadas aconteceu, também, um trabalho de propaganda e manobra das massas populares para desviar o foco da violência desmedida. Nem todos perceberam estar vivendo um regime ditatorial, pois estavam empolgados com a boa onda em que surfava a economia brasileira e preocupados com a escalção da seleção brasileira que tentava o tricampeonato na Copa de 70 sediada no México.

Existe vasta produção documental, acadêmica e não acadêmica sobre o Regime Militar, período tão importante da história brasileira que merece ser estudado incansavelmente para que nunca mais ocorra algo parecido. Para isso, será trabalhado o filme “O ano em que meus pais saíram de férias”, película de 2006 produzida pelo diretor e produtor Cao Hamburger e que retrata, brilhantemente, a história de um garoto que quer ser goleiro e espera seus pais voltarem de uma longa viagem para assistirem à Copa do Mundo juntos.

Justificativa

O Regime Militar instaurado no Brasil no ano de 1964 censurou fortemente a população e extinguiu direitos fundamentais garantidos constitucionalmente. Interrompeu o regime democrático instalando uma ditadura violenta e repressiva causando marcas indelévels na nossa história.

Há muitos questionamentos a serem respondidos sobre essa fase

obscura como o porquê de isso ter acontecido, como os militares chegaram ao poder, por que durou tanto tempo. É necessário estudar as justificativas utilizadas para o golpe e sua manutenção. A forma como foram tratados os opositores do regime geraram sequelas e consequências irreversíveis na vida de milhares de brasileiros. A coerção policial e a tortura utilizadas nos interrogatórios policiais saíram do controle tornando-se algo rotineiro e necessário para a obtenção de seu principal objetivo: arrancar uma confissão de culpa a qualquer custo. Esses métodos desumanos e cruéis chamaram a atenção para uma análise mais profunda sobre a maldade do ser humano e sua falta de limites e escrúpulos ao torturar seu semelhante alicerçados em justificativas descabidas e absurdas. Há a necessidade de se estudar sobre como isso foi permitido, como a população percebia esse momento o qual vivenciavam e, acima de tudo, garantir que não se repita.

Algumas questões sobre esse período obscuro devem ser discutidas para evitar que torne a acontecer situações de desrespeito ao ser humano e às leis de um país. Pode-se questionar, primeiramente, o porquê do sucesso do golpe militar e a tomada do poder. Como pôde, em pleno século XX, que um país democraticamente constituído se deixasse ser tomado por militares da forma como aconteceu? Houve uma estratégia previamente elaborada? O plano deu certo na primeira tentativa? Quais foram os motivos que levaram os militares a intervirem no país?

Depois, pode-se tentar entender como a população reagiu ao golpe. A população do interior sentiu com a mesma intensidade os efeitos do regime como a população concentrada nas grandes capitais? A recepção das informações foi a mesma para todos?

Como foi manipulada a propaganda do regime e quais mecanismos foram utilizados para

conduzir a população desviando o foco das revoltas e da força empregada pela polícia e ainda, justificando seus atos de extrema intolerância e violência.

O filme que será trabalhado neste projeto permite questionar e analisar a percepção que as pessoas tiveram do Regime Militar, pois mostra, além de diferentes perspectivas de diferentes personagens, as dúvidas e ansios de um menino que queria ser jogador de futebol e que não entendia por que os pais haviam saído de férias de repente e por que demoravam tanto a voltar, já que a Copa de 70 estava para começar e seu pai havia prometido estar presente para assistirem aos jogos da seleção brasileira.

Objetivos

- ✓ Identificar elementos utilizados pelos órgãos coercitivos do Governo Militar para conduzir/distrair/alienar/desviar a atenção da população com relação aos verdadeiros acontecimentos no período.
- ✓ Observar, desde a perspectiva pueril, as impressões da Ditadura Militar e seus reflexos no cotidiano da população brasileira no ano de 1970.
- ✓ Analisar os fatores sociais, econômicos e políticos de 1970 e sua importância histórica para a continuidade do Governo Militar pelos anos seguintes.

Resultados

Bittencourt (2009) nos conta que os historiadores franceses Marc Ferro e Pierre Sorlin foram os primeiros a realizar pesquisas sobre cinema e história. Pesquisaram a natureza da imagem cinematográfica e desenvolveram métodos para uma efetiva crítica das fontes audiovisuais. Faziam análise das diversas características de um filme,

porém no final das contas, o objetivo era referendar o uso do cinema como meio de ensino da História.

A professora Fonseca (2009) nos alerta para a linguagem própria do cinema, que não tem muito compromisso com a historiografia. Ela afirma que, mesmo os filmes classificados como “históricos” ou “documentários”, não podem ser confundidos com obras historiográficas, o que se traduz na necessidade de uma postura crítica e de problematização.

Fonseca (2009) faz uma observação importante sobre o uso dos filmes:

Os filmes como produtos socioculturais podem falar ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram, podemos ver o “não visível através do visível”, descobrir “o latente por trás do aparente”. Assim, somos atraídos não pela realidade, e sim pela possibilidade. O filme pode oferecer pistas, referências do modo de viver, dos valores e costumes de uma determinada época e lugar. É uma fonte que auxilia o desvendar das realidades construídas, as mudanças menos perceptíveis, os detalhes sobre lugares e paisagens, costumes, o cotidiano, as mudanças naturais e os modos de o homem relacionar-se com a natureza em diferentes épocas.

Nesse sentido, percebe-se que as vantagens do uso de filmes são imensas, visto que as produções cinematográficas podem proporcionar experiências sensoriais, o despertar de sentimentos e claro, auxilia no ensino da história, na disseminação de uma ideia, a compreensão de vários pontos como a percepção de como era um determinado lugar em um momento específico da história, o modo de vida daquela população, seu governo, sua religião,

costumes, ajuda a compreender o que aconteceu e o que poderia ter acontecido naquele determinado período da história.

Para possibilitar o uso de filmes, Bittencourt (2009) sugere que a análise metodológica do filme deve considerar uma “leitura interna do filme” como o seu conteúdo, roteiro, cenário, lugares, personagens, acontecimentos principais, contexto social e político, tempo em que decorre a história, a recepção do filme e da audiência, assim como a leitura da ficha técnica da obra, tais como diretor, produtor, elenco, música.

Para a realização desse trabalho foi utilizado o filme “O ano em que meus pais saíram de férias”, produzido e dirigido por Cao Hamburger, o filme conta a história de um menino de 12 anos apaixonado por futebol que teve que sair às pressas de sua casa porque seus pais iam sair de férias. Mauro foi deixado por seus pais em frente ao prédio onde seu avô morava, uma comunidade judaica no bairro paulista do Bom Retiro, onde conviviam judeus e italianos. Por infortúnio do destino, o avô de Mauro faleceu subitamente e seus pais não souberam da má notícia. Mauro acabou ficando aos cuidados, mesmo que involuntariamente, de um vizinho judeu de seu avô, o senhor Shlomo. Após o susto e o choque cultural de gerações e tradições diversas, acabaram se afeiçoando e Shlomo foi em busca dos pais do garoto e para isso, contou com a ajuda de Ítalo, estudante de descendência italiana que vivia no bairro também e era simpatizante do movimento que se opunha ao Regime Militar. Enquanto isso, Mauro descobria novos sentimentos, novos amigos nessa comunidade tão diferente da qual vivia anteriormente e treinava para ser goleiro em um time de futebol, era seu maior sonho. A Copa de 70 estava próxima e ele aguardava o retorno de seu pai que havia prometido a ele que assistiriam juntos aos jogos da Copa do Mundo de Futebol. Por fim, Shlomo encontra a mãe do menino e

consegue trazê-la de volta a São Paulo onde se recupera das feridas causadas pela tortura e repressão do regime e então, ela e seu filho Mauro retornam à sua cidade natal, Belo Horizonte.

É importante mencionar que é possível perceber como algumas pessoas não se veem afetadas pelo regime da censura. Neste filme observamos pela ótica de uma criança alguns dilemas vividos por adultos, a obra é de uma sensibilidade incrível e capaz de comover a todos. Mas, falando dos adultos que viveram nesse período, muitos não percebiam o desaparecimento de pessoas e nem sabiam das torturas frequentes, pois estavam todos envolvidos com suas ocupações cotidianas e preocupados com a escalção da seleção brasileira. A conquista do tricampeonato mundial foi o suficiente para desviar o foco das represálias, prisões e torturas nos porões das delegacias e quartéis.

O ano de 1970 começa com o General Emilio Garrastazu Médici eleito indiretamente como Presidente da República devido ao estado grave de saúde do Marechal Costa e Silva. Em 1969, sob a égide do Ato Institucional nº5, o mais repressivo e violento de todos, após Costa e Silva ser diagnosticado com isquemia cerebral e perder a fala e boa parte de seus movimentos, o general Jayme Portella convocou uma Junta Militar para governar o país provisoriamente e impedir que o vice Pedro Aleixo assumisse. Não sendo possível continuar a simulação onde dizia que o Marechal estava bem e se recuperando rapidamente, resolveram fazer uma nova eleição em que foi eleito, mesmo contra sua vontade, o general Médici que prometeu restabelecer a democracia até o fim do seu governo. De posse do AI-5, dizia que podia tudo. (GASPARI, 2014).

Médici fazia parte da linha dura e comandou o país com braço forte, nesse período a ditadura militar atingiu seu auge, controlando as poucas

atividades permitidas, exterminou as guerrilhas urbanas e também as rurais, reforçou a censura comandando os “Anos de Chumbo”. No seu governo, a repressão e a violência tomaram conta das grandes cidades, a tortura era livremente praticada e justificada como único método possível para arrancar confissões, inclusive do que não se havia feito. Neste ano, a violência chega no seu ápice e torna-se comum a prática de assassinatos com o desaparecimento dos corpos, a repressão era desmedida com todos aqueles que ousavam se opor ao regime, a quem chamavam de subversivos (GASPARI, 2014).

Também é nesse período que foram criados os Departamentos de Operações e Informações – os famosos e temidos DOI’s – para onde presos eram levados e mantidos até confessarem seus crimes.

Vale lembrar que, a indústria e o comércio da época andavam alinhados com o regime, era comum a arrecadação de gordos donativos para a manutenção do aparelho militar, como por exemplo, a Operação Bandeirantes (OBAN) que se mudou para uma sede maior e estrategicamente discreta e mais tarde se tornou o Comando de Operações de Defesa Interna (CODI). É importante frisar que nesse período o Brasil também viveu o chamado “Milagre Econômico”, devido a aproximação com o governo americano e boas relações com setor industrial, o país teve um aumento significativo no PIB e queda da inflação, o que proporcionou a entrada de produtos importados no país, estimulou a compra de eletrodomésticos e outros itens oferecidos pela indústria e comércio brasileiros favorecendo o bom momento econômico pelo qual o país passava.

O presidente Médici também se destacou pela forma como conduziu a população com sua propaganda manipulada. A imprensa da época divulgava peças que traduziam os benefícios do regime, com o slogan

“Brasil, ame-o ou deixe-o” despertava na população seu sentimento mais patriótico e nacionalista. A Copa de 70 foi amplamente utilizada como propaganda do sucesso do regime fazendo brotar nos brasileiros os sentimentos mais ufanistas, cantando “Pra frente, Brasil” viram a seleção canarinha conquistar o tricampeonato no México, o que fez todos externarem seu orgulho de ser brasileiros e apagou de suas memórias quaisquer rastros que a tortura pudesse deixar.

Em meados de junho de 1970, o governo de Médici já havia conseguido desarticular várias organizações de militantes, a unificação de esforços das polícias civil e militar e do exército contribuiu para a desestruturação dos chamados subversivos terroristas. Enquanto isso, a Igreja Católica tinha, em seus bispos e arcebispos, ponto de partida para as famílias procurarem seus parentes desaparecidos. Dom Paulo Evaristo Arns atendia, semanalmente, dezenas de mães e esposas que procuravam seus filhos e maridos desaparecidos. Mais tarde, souberam que passaram pelos taciturnos porões das delegacias e quartéis e muitos nunca mais foram encontrados para que, ao menos, pudessem ser enterrados com alguma dignidade. Para os cristãos, a tortura é o crime mais cruel e bárbaro contra a pessoa humana e deve-se despertar nas pessoas a consciência para a promoção do respeito para com todos e uma sociedade mais justa (ARNS, 2011).

São intermináveis as denúncias de agressão e violência sofridas nos porões da ditadura. A pesquisa “Brasil: nunca mais” que resultou em livro traz centenas de relatos de presos que foram infligidos pelos métodos mais cruéis e degradantes de tortura. O principal questionamento dessa obra é sobre o motivo da tortura ter se instalado tão facilmente na rotina dos porões, como o país permitiu que tamanha violação constitucional acontecesse em seu

território.

A imagem do Brasil no exterior passa a ser a de um país de torturas, perseguições, exílios e cassações visto a rotina diária dos porões. A Igreja também se torna alvo de repressões, sacerdotes são presos, torturados, templos são invadidos e bispos passam a ser vigiados (ARNS, 2011).

Em maio de 1970, Dom Helder Câmara participa de um evento em Paris e discursa:

A tortura é um crime que deve ser abolido. Os culpados de traição ao povo brasileiro não são os que falam, mas sim os que persistem no emprego da tortura. Quero pedir-lhes que digam ao mundo todo que no Brasil se tortura. Peço-lhes porque amo profundamente a minha pátria e a tortura a desonra. (Camara, 1970, APUD Gaspari, 2014-p. 158)

A pesquisa relata também, sobre a arbitrariedade de como as prisões eram efetuadas e quais os métodos de tortura eram utilizados. Acompanharam os sobreviventes em seus processos na Justiça na tentativa de alguma reparação contra o Estado.

Considerações finais

A ditadura do Regime Militar brasileiro já rendeu incansáveis discussões e produziu vasto material, seja de caráter autobiográfico, investigativo ou teórico, mas um ponto é unânime: a ditadura não foi benéfica para o país nem socialmente nem economicamente e esse período de perseguição e ódio não pode se repetir.

Durante esse regime, foram abolidos direitos garantidos anteriormente em lei. O país deixou para trás seu regime democrático e instalou um regime de perseguições, torturas, violência desmedida e instabilidade econômica e política.

É possível observar que a

população brasileira sentiu de forma diferente a pesada mão do regime. O interior do país não percebia a tensão permanente dos grandes centros, quase não se viam prisões e a maioria era vista como “pessoas de bem” que nunca passariam por qualquer constrangimento.

Apesar dos insucessos na economia, o regime soube manipular com maestria os meios de comunicação e se utilizou das propagandas a seu favor, tendo também como trunfo a Copa Mundial de Futebol de 1970 fazendo com que boa parte dos brasileiros apoiasse esse governo. As pessoas viviam suas vidas ocupadas com os afazeres cotidianos e muitas até duvidavam que houvesse um “porão” e que pessoas fossem torturadas por lá. A lista dos desaparecidos é extensa e, de vez em quando, em alguma obra ou escavação, encontra-se uma ossada há muito tempo escondido.

Dessa forma, percebe-se a necessidade de discutir o assunto, participar mais ativamente da política do nosso país e provocar o pensamento crítico na população que pode,

facilmente, sucumbir aos jogos de poder de alguns grupos e deixar que o caos e o horror se instalem novamente na sociedade brasileira.

Referências

- ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil: nunca mais.** Arquidiocese de São Paulo. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 3 eds. São Paulo: Cortez, 2009.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e Ensinar História.** Belo Horizonte: Dimensão, 2009.
- GASPARI, Élio. **A ditadura escancarada.** 2 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- _____. **A ditadura derrotada.** 2 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- MARTOLIO, Edgardo. **Glória roubada: o outro lado das Copas.** São Paulo: Figurati, 2014.
- O ANO em que meus pais saíram de férias.** Direção e Produção: Cao Hamburger. Coprodução: Caio Gullane e Fabio Gullane. Campinas (SP): Caos Produções Cinematográficas, Lereby Produções e Gullane Filmes, 2006. 110 min, color.
- PALMAR, Aluizio. **Onde foi que vocês enterraram nossos mortos?** Curitiba: Travessa dos Editores, 2006.